

## RESENHA

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. **As concepções linguísticas no Brasil no século XIX e no início do XX: gramáticas da infância.** São Paulo: Terracota, 2019, 114 pp.

Não seria uma afirmação vazia, falsa ou de pouca argumentação, dizermos que dois *instrumentos linguísticos*<sup>1</sup> são fundamentais para que conheçamos a *ideia linguística*<sup>2</sup> de um povo: o dicionário e a gramática. Esses instrumentos revelam o pensamento linguístico de seus autores e a preocupação deles quanto ao que consideram fundamental acerca de um idioma.

No caso da gramática, Auroux afirma que esse instrumento linguístico “*torna-se simultaneamente uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las*” (1992, p. 43) e que um livro com essa denominação apresenta uma estrutura recorrente, sendo, por isso, considerada como tal. A saber: um sumário, uma introdução, uma divisão e uma referência a outros autores. Diz, também, que essas gramáticas têm função consultiva ou de prática de ensino da estrutura da língua.

Assim, é muito importante que saibamos que um desses instrumentos linguísticos – a gramática – faz parte da história e, amiúde, da nossa história idiomática. Além disso, debruçar-se acerca desses instrumentos ajuda a compreender, sobremaneira, o que hoje entendemos por gramática.

Cientes da importância do saber acerca da história gramatical no Brasil e, indubitavelmente, preocupadas com a transmissão desse saber, veio à baila o importante e necessário livro, publicado no primeiro semestre de 2019, pela editora Terracota, a respeito das *gramáticas da infância*. O livro se soma a dois outros importantes livros dedicados ao tratamento das concepções linguísticas no Brasil:

---

<sup>1</sup> No processo de descrição e instrumentalização de uma língua, a gramática e o dicionário são considerados artefatos tecnológicos (=instrumentos) basilares para a própria constituição. A expressão está presente na obra *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, de Sylvain Auroux. Obra canônica e fundamental para todos aqueles que se debruçam sobre as questões acerca da gramatização das línguas, saber linguístico, instrumentos tecnológicos e os postulados que regem e orientam os interessados na *História das Ideias Linguísticas*.

<sup>2</sup> Uma ideia linguística é todo saber construído em torno de uma língua, seja como produto de uma reflexão metalinguística seja como atividade metalinguística explícita ou implícita.

1. As Concepções Linguísticas no Século XVIII – A Gramática Portuguesa. Campinas: Editora da Unicamp, 1996<sup>3</sup>;
2. As Concepções Linguísticas no Século XIX – A Gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006<sup>4</sup>.

A obra trata, especificamente, de gramáticas voltadas às crianças. Mérito das autoras na produção da obra, pois preenchem uma lacuna a respeito do assunto. Livro que nos alegra, pois de leitura prazerosa e dinâmica.

As 114 páginas estão assim divididas: apresentação, introdução, e, podemos dizer, três fundamentais capítulos acerca da relação instrução primária/métodos de ensino, instrumentos linguísticos/gramáticas da infância e o *historicismo moderado*<sup>5</sup> necessário para uma efetiva compreensão dessas relações, além, é claro, de uma conclusão que amarra todas essas partes. A expressão *historicismo moderado* faz parte de um dos postulados criados por Auroux em sua obra capital *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Tais postulados conduzem e regem a investigação sobre um saber linguístico. A saber: **a definição puramente fenomenológica do objeto**, que subjaz à necessidade de se ter respeito às terminologias usadas na época em que foi produzido o objeto em análise, já que o objeto se constitui na diversidade das línguas; **a neutralidade epistemológica**, que indica a forma de abordar o objeto; implica não dizer ou determinar se objeto abordado é ou não ciência, afinal a palavra *ciência*, na metalinguagem inerente à história das ideias linguísticas, será compreendida como uma palavra descritiva. Tal postura, não implica neutralidade verídica; **historicismo moderado**, que diz respeito à necessidade de se resgatar os fatos históricos que permitirão o entendimento do objeto de estudo, sem, contudo, colocá-los em primeiro plano, sobrepondo-os aos aspectos linguísticos em análise. A moderação no historicismo garante que haja consistência em relação ao saber e independência em relação aos fenômenos.

Leitores que conhecem as duas outras obras das autoras, em que o escopo de investigação se fez presente nas gramáticas do século XVIII e XIX, facilmente, perceberão a continuidade na metodologia de descrição-análise realizada pelas pesquisadoras, ou seja, na parte correspondente ao estudo dos instrumentos linguísticos, teremos um excelente panorama das gramáticas analisadas.

<sup>3</sup> De autoria exclusiva da professora Leonor Lopes Fávero.

<sup>4</sup> De autoria das professoras Leonor Lopes Fávero e Márcia Molina.

<sup>5</sup> Cf. Auroux (1992).

A introdução deixa clara a comprovação de que o estudo da produção gramatical direcionada à puerícia se “*insere num projeto maior que vem se desenvolvendo desde a década de 80 do século passado*” (p. 9), ou seja, estudos que examinam(ram) a produção gramatical no Brasil a fim de atar as linhas que compõem a história de nossa produção gramatical.

Para tanto, as autoras centraram os esforços científicos, à luz da História das Ideias Linguísticas e da História Cultural, na investigação que procura entender de que maneira o imaginário, o discurso e as concepções linguísticas do gramático se espalharam para obras dedicadas ao ensino das crianças. Nesse sentido, um primeiro ponto muito salutar diz respeito à definição do que seria uma gramática infantil ou da infância, afinal os autores elencados pelas pesquisadoras produziram obras gramaticais não direcionadas ao público infantil.

Acostumados que estamos a adjetivações muito variadas nas gramáticas existentes (antigas ou contemporâneas)<sup>6</sup>, no caso das voltadas às crianças, infância é a denominação que se estabelece na mesma seara de elementar<sup>7</sup>, pois, segundo as autoras “as obras (...) revisadas possuem o adjetivo ‘infância’ ou ‘elementar’, visto terem sido pensadas para o público que, depois de receber as primeiras letras, começava a mergulhar no aprendizado da gramática” (p. 12)<sup>8</sup>.

Feita a explicação, fica fácil, pois, compreender o porquê de no sumário encontrarmos obras denominadas “gramáticas da infância” e, concomitantemente, “gramáticas elementares”. Dos oito instrumentos linguísticos analisados pelas

---

<sup>6</sup> A título de curiosidade: uma pesquisa rápida e encontraríamos: moderna, fácil, inteligente, resumida, metódica, pedagógica, mínima, integral etc.

<sup>7</sup> Muitos foram os gramáticos no século XIX e meados do XX que produziram gramáticas denominadas elementares em oposição a gramáticas denominadas superiores ou de alcance não infantil. No século XIX, a título de curiosidade, como mencionado pelas autoras, temos a gramática elementar de Eduardo Carlos Pereira. No século XX, também a título de curiosidade, temos uma não tão conhecida (uma vez que o autor se fez conhecido por uma denominada Metódica): a gramática elementar, de Napoleão Mendes de Almeida.

<sup>8</sup> A esse respeito, conforme Ariès (1986), vale dizer que a ideia de infância ainda era muito incipiente e de definição ainda não cristalizada ou nem em voga. Assim, difícil seria, também, a produção de obras escolares que contemplassem tal público. Segundo Tambara (2002), “*Um aspecto que precisa ser considerado, em termos metodológicos, é a dificuldade na caracterização dos livros escolares nos seus respectivos níveis de ensino, em função de não haver ainda sido implantado, com homogeneidade, um ensino seriado no século XIX no Brasil. A rigor, apesar das formulações emanadas das leis e regulamentos que regiam a instrução pública, havia uma clara heterogeneidade na formatação das aulas de primeiras letras. Esta heterogeneidade abarcava, tanto a questão de conteúdo e currículo como a questão dos anos de estudo. Em consequência, se toma relativamente ambíguo falar em instrução primária como algo idêntico em todo o Brasil*” (p. 26).

autoras, seis recebem denominação infância e dois a denominação elementar. Ressalta-se, porém, que no índice são descritas apenas sete obras gramaticais, apesar de 8 obras analisadas. Além disso, é um lamento não conseguirmos ver, com clareza, as imagens das capas de algumas das gramáticas elencadas. Fatos que, obviamente, em nada afetam a obra em si. Fica apenas um puxãozinho de orelha para o setor de revisão da editora, uma vez que outros pontos são observáveis (junção de palavras, espaçamentos desnecessários entre algumas palavras, ausência de pontuação em alguns casos e um ou outro caso ligado a aspectos de gramaticidade). Ratificando: em nada afetam esse mais novo e importante livro.

Fruto de pesquisas anteriores acerca da história gramatical no Brasil<sup>9</sup>, a obra, depois de uma apresentação e da introdução, apresenta a seguinte partição: Capítulo I – Brasil: século XIX e início do XX; Capítulo II – A Instrução Primária no século XIX e início do XX; Capítulo III – Instrumentos Linguísticos e Gramatização: as gramáticas infantis do século XIX e início do XX.

A divisão dos capítulos nos faz perceber a relação com os postulados<sup>10</sup> expressos por Aurox na investigação de instrumentos linguísticos: a fenomenologia do objeto, a neutralidade epistemológica e o historicismo moderado, assim como confirmam os princípios estabelecidos pelas próprias autoras em obra anterior (*As concepções linguísticas no século XIX – a gramática no Brasil*), no caso: a exaustividade, a busca das fontes e o estudo da documentação, afinal, é condição *sine qua non* que o estudioso da História das Ideias Linguísticas “mais que focalizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada aquela ideia, como frutificou, foi compreendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos, favorecendo uma melhor compreensão da Linguística atual” (op. cit., p. 29).

Destarte, no primeiro capítulo, as autoras tratam da relação entre a construção do país como uma nação independente e o início dos primeiros passos para uma possível consciência linguística, principalmente no tocante ao ensino, à produção e à descrição de gramáticas, principalmente para as voltadas à puerícia.

Capítulo importante, pois a retrospectiva realizada confirma a importância de o século XIX ser baliza para muitas das ações vindouras em relação à escola ou ao ensino escolar. As autoras, muito didaticamente, explicam a relação da

<sup>9</sup> Artigos com a mesma temática publicados em revistas especializadas.

<sup>10</sup> Cf. Aurox (1992).

vinda da Corte e a preocupação com “o desenvolvimento intelectual brasileiro” (p. 17), afinal “o país precisava como nunca, principalmente, de Educação: escolas, bibliotecas, imprensa (livre) e muitas outras coisas” (p. 17). Traçam, também, um excelente panorama das reformas educacionais do período e a implicação delas na questão do ensino e os métodos de ensino para que os conteúdos ministrados alcançassem êxito.

Como a relação ensino/método de ensino foi a voga no primeiro capítulo, no segundo, as autoras centram a análise na especificidade dos métodos de ensino vigentes no século XIX, pois, à época, eram os mais utilizados. Teremos, assim, uma rápida, mas fundamental caracterização dos Métodos: Escolástico; Individual; Mútuo, monitorial ou lancasteriano; Simultâneo; Mistos; Lições de coisas ou intuitivo; João de Deus; Bacadafá; Castilho; Jacotot; Robertson; Fonomímico.

Vale dizer que a reconstrução das ideias linguísticas - subjacentes às obras dos autores de instrumentos linguísticos - é de fundamental importância para e na História das Ideias Linguísticas, visto que essas ideias fazem parte de uma utensilagem mental<sup>11</sup> necessária à efetiva compreensão do contexto sócio-histórico, confirmando, pois, que a restrospecção válida e dá significado a um conjunto de obras, o que as autoras fizeram com qualidade ímpar.

No terceiro e último capítulo, teremos o estudo descritivo-analítico das obras gramaticais dedicadas à infância. Antes disso e muito importante, as autoras fazem menção às reformulações promovidas por Fausto Barreto no tocante aos conteúdos de exames para ingresso no afamado Colégio Pedro II, uma vez que era considerado modelo para outras instituições escolares existentes no país.

Assim, do percurso de elaboração das obras utilizadas para o estudo descritivo-analítico, as autoras selecionaram as seguintes obras:

---

<sup>11</sup> Segundo FEBVRE, "*inventariar em detalhes e depois recompor, para a época estudada, o material mental de que dispunham os homens desta época; através de um esforço de erudição, mas também de imaginação, reconstruir o universo, físico, intelectual, moral, no meio do qual se moveram as gerações que o precederam; tornar evidente, de um lado, a insuficiência das noções de fato sobre tal ou tal ponto; por outro lado, o estudo da natureza engendraria necessariamente lacunas e deformações nas representações que certa coletividade histórica forjaria do mundo, da vida, da religião, da política*" (FEBVRE apud RAMINELLI, 1990, p. 109).

**Gramática da Infância** – J. C. Fernandes Pinheiro

**Pequena Gramática da Infância composta para uso das Escolas Primárias**

– Dr. Joaquim Maria de Lacerda

**Elementos de Gramática Portuguesa** – Laurindo José da Silva Rabelo

**Gramática da Infância** – Gramática Portuguesa – João Ribeiro

**Gramática da Puerícia** – José Ventura Bôscoli

**Gramática Expositiva** (Curso Elementar) – Eduardo Carlos Pereira

**A Gramática das Crianças** – Cândido de Figueiredo

**Gramática Elementar da Língua Portuguesa** – M. Said Ali.

Seguindo a metodologia de análise presente em obras anteriores, as autoras apresentam, para cada compêndio escolhido, uma sucinta biografia dos autores, uma visão geral da obra e a partição – essencial a esse tipo de estudo.

Assim, os leitores têm uma excelente análise e uma importante visão de conjunto dos capítulos constitutivos, considerando a extensão do *corpus* escolhido.

Por fim, se já ficamos a dever às duas ilustres professoras por contribuições anteriores, a obra *As concepções linguísticas no Brasil no século XIX e no início do XX: gramáticas da infância* é indispensável a estudantes, profissionais e pesquisadores interessados na história da gramática no Brasil.

Para além disso, o livro constitui um convite e um incentivo à continuidade dos estudos relacionados aos instrumentos linguísticos que fazem parte de nossa história idiomática. Figurará, indubitavelmente, entre outras grandes obras de análise de compêndios gramaticais. Reiterando: obra importante para a História das Ideias Linguísticas no Brasil.

## Referências

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AUROUX, Sylvain. **A Revolução tecnológica da gramatização**. 2. ed. Campinas: 1992.
- FÁVERO, Leonor L. **As concepções linguísticas no século XVIII : a gramática portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FÁVERO, Leonor L.; MOLINA, Márcia A. G. **As concepções linguísticas no século XIX: A gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- RAMINELLI, Ronald. Lucien Febvre no caminho das mentalidades. **Revista de História**. São Paulo: n. 122, p. 97-115, jan/jul. 1990..
- TAMBARA, Elomar A. C. **Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século 19 no Brasil**. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30597/pdf> Acesso em 08 de set. de 2019.

Alexandre José Silva  
Faculdade Integrada Potencial  
alegramatica@gmail.com